



**Universidade Federal Rural de Pernambuco**  
**Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia**  
**Curso de Licenciatura em Letras**

**A CONSTRUÇÃO TEMPORAL NO DESENVOLVIMENTO DO TEXTO  
ARGUMENTATIVO-DISSERTATIVO**

**MARIA CRISTINA DOS SANTOS OLIVEIRA**

Recife,  
2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia**  
**Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa**

**A CONSTRUÇÃO TEMPORAL NO DESENVOLVIMENTO DO  
TEXTO ARGUMENTATIVO-DISSERTATIVO**

**MARIA CRISTINA DOS SANTOS OLIVEIRA**

Trabalho apresentado à  
Universidade Federal Rural de  
Pernambuco, como requisito para a  
conclusão do Curso de Graduação em  
Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa  
da Unidade Acadêmica de Educação a  
Distância e Tecnologia.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Renata Barbosa Vicente

**Recife**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- 048c Oliveira, Maria Cristina dos Santos  
A Construção Temporal no Desenvolvimento do Texto Argumentativo-Disertativo / Maria Cristina dos Santos Oliveira. - 2023.  
28 f. : il.
- Orientadora: Professora Doutora Renata Barbosa Vicente.  
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Licenciatura em Letras, Recife, 2023.
1. Tempo. 2. Estágios de Selves. 3. Construções Linguísticas. 4. Produção Textual. I. Vicente,  
Professora Doutora Renata Barbosa, orient. II. Título



## ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – 2023.2

Aos vinte e nove dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e três, às 15h, na Plataforma *Google Meet*, link <https://meet.google.com/sip-xeeq-gea>, instalou-se a banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: **A construção temporal no desenvolvimento do texto argumentativo-dissertativo**, do(a) discente **Maria Cristina dos Santos Oliveira** do Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa- EAD da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE/UAEADTec. A banca examinadora foi composta pelos(as) professores(as) Renata Barbosa Vicente (orientador/a), Eduardo Barbuio (membro examinador) e Ivanda Maria Martins Silva (membro examinador). Como síntese dos trabalhos, a banca emitiu o seguinte parecer: tendo cumprido às exigências do curso de graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa- EAD da UFRPE/UAEADTec, a pesquisa apresentou pertinência teórica e metodológica, bem como consolidação dos resultados em sintonia com os objetivos propostos, considerando-se o(a) discente **aprovado(a)** com nota final 10,0 (dez). Eu, Renata Barbosa Vicente, lavrei a presente ata que segue assinada pelos membros abaixo.

Recife, 29 de setembro de 2023.

**Renata Barbosa Vicente**  
Presidente da Banca - orientador(a)

**Ivanda Maria Martins Silva**  
Membro Examinador

**Eduardo Barbuio**  
Membro Examinador

**Maria Cristina dos Santos Oliveira**  
Discente

---

# A CONSTRUÇÃO TEMPORAL NO DESENVOLVIMENTO DO TEXTO ARGUMENTATIVO-DISSERTATIVO

*Maria Cristina dos Santos Oliveira*  
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE  
oliveira.cristina89@yahoo.com.br

*Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata Barbosa Vicente*  
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE  
renata.vicente@ufrpe.br

**RESUMO.** Este estudo investiga a interseção entre a sociedade, o desenvolvimento cognitivo e a produção de textos escritos, com foco na análise das construções linguísticas temporais em redações da Fuvest de 2011. A pesquisa ressalta a relevância da integração do indivíduo na sociedade como um fator fundamental na formação de pensamentos e ações, sublinhando a intrincada relação entre linguagem e contexto social. A construção textual é abordada como um processo complexo que envolve a aplicação de padrões e convenções linguísticas, com o reconhecimento da influência da individualidade na interpretação dos textos. Com base em teorias de autores como Koch (2003), Damásio (2011), Cunha e Tavares (2016), Vicente (2014) e outros, este estudo analisa como os estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental II e os vestibulandos da Fuvest de 2011 se posicionam em diferentes estágios cognitivos durante a produção de seus textos, influenciando significativamente a qualidade e a formalidade desses textos. A análise das construções temporais nos textos revela que tanto os estudantes com melhor desempenho quanto aqueles com menor desempenho frequentemente introduzem seus parágrafos com referências temporais. Surpreendentemente, o tempo presente é amplamente dominante, com expressões como "hoje" e "atualmente" sendo recorrentes, apesar do tema da redação Fuvest (2011) abordar o "pensamento a longo prazo". Por outro lado, o tempo futuro é subutilizado, sugerindo uma falta de ênfase nas considerações de longo prazo por parte dos escritores. Em resumo, este estudo destaca a complexa interação entre fatores sociais, cognitivos e linguísticos na produção de textos escritos, fornecendo insights valiosos sobre como a sociedade molda a expressão de pensamentos e como os estágios cognitivos dos escritores afetam a qualidade e formalidade dos textos.

**Palavras-chave:** Tempo, Estágios de Selves, Construções Linguísticas, Produção Textual.

## 1. Introdução

A integração em uma sociedade desempenha um papel fundamental na modelagem de nossas ações e pensamentos. Diversos elementos entram em jogo nesse processo, como cultura, família, tradições e vivências pessoais. Nesse contexto, compreendemos que a linguagem está intrinsecamente conectada à sociedade e serve como um reflexo dos nossos pensamentos, expressos por meio de signos linguísticos.

A construção textual é um processo dinâmico que envolve uma série de etapas. Desde o planejamento inicial até a verbalização e a interação entre autor e leitor, cada fase é importante para a efetiva comunicação. A intenção do autor ao escrever e a necessidade social de transmitir uma mensagem clara e compreensível são aspectos essenciais para a compreensão dos textos.

Nesse sentido, existem padrões e esquemas linguísticos que auxiliam na comunicação. São estruturas recorrentes e convenções que nos ajudam a expressar nossas ideias de forma eficaz. No entanto, é importante ressaltar que a individualidade de cada pessoa influencia a interpretação dos textos. Isso significa que não é possível alcançar uma padronização completa nos estudos linguísticos, mas essa diversidade também abre oportunidades para identificar certos padrões que são essenciais para avançar nessa área de estudo.

Com base nesses princípios, o presente estudo tem como questão norteadora: Como a construção linguística temporal é estruturada no desenvolvimento argumentativo-dissertativo das redações da Fuvest do ano de 2011? E busca como objetivo principal analisar as construções linguísticas temporais mais frequentes no início dos parágrafos e no desenvolvimento de textos argumentativo-dissertativo.

Pretendemos identificar padrões funcionais nessas construções e classificá-los de acordo com os estágios de selves propostos por Damásio (2011). Além disso, buscamos verificar se há aproximação entre a escrita de estudantes do Ensino Fundamental II e a escrita dos alunos vestibulandos da Fuvest de 2011. Também analisaremos se a escrita apresenta características similares às construções típicas da oralidade.

Através dessa pesquisa, esperamos contribuir para um melhor entendimento da relação entre linguagem, sociedade e identidades individuais. Ao compreendermos os padrões linguísticos presentes na produção textual, poderemos ampliar nosso conhecimento sobre a comunicação escrita e seu impacto na interação humana.

Pois, é de suma importância identificar as estruturações das construções linguísticas temporais funcionais, as categorias cognitivas e os estágios envolvidos na materialização das construções linguísticas por meio da produção textual. Isso nos ajuda a compreender ainda mais a relação entre linguagem e sociedade, bem como a influência disso nos pensamentos que são expressos por meio de sinais linguísticos.

Também é importante lembrar que a elaboração de um texto envolve a troca de informações entre o autor e o leitor. Ao escrever, o autor busca estabelecer uma conexão com seu público-alvo, procurando transmitir informações de forma clara e precisa. Portanto, a construção textual vai além da mera transmissão de informações, pois também envolve o estabelecimento de uma relação comunicativa entre o escritor e o leitor. Nesse sentido, ao escrever, o objetivo geralmente não é iniciar um diálogo interno, mas sim iniciar uma discussão com um público específico.

Podemos concluir que a concretização do texto também segue esquemas que são disponibilizados pela língua para a sua interpretação e compreensão pelos leitores. Esses esquemas podem ser classificados como padrões que auxiliam na construção textual, ao entender esses padrões, podemos ampliar o debate para mais do que a própria construção verbal, mas para como a sociedade influencia na seleção e estabelecimento desses padrões.

Através dessa pesquisa, esperamos contribuir para um melhor entendimento da relação entre linguagem, sociedade e identidades individuais. Ao compreendermos os padrões linguísticos presentes na produção textual, poderemos ampliar nosso conhecimento sobre a comunicação escrita e seu impacto na interação humana.

## 2. Referencial teórico

Koch (2003), nos diz existe uma série de fatores que influenciam a realização do ato verbal, fornecendo-nos “insights” sobre a etapa inicial da construção de um texto. Esses fatores estão intrinsecamente ligados à motivação, à situação, à materialidade e à tarefa-ação, envolvendo aspectos relacionados ao contexto e à preparação da ação verbal, em vez da própria ação em si.

É importante ter em mente que a construção textual é uma atividade que envolve a troca de informações entre o autor e o leitor. Ao escrever um texto, o autor busca estabelecer uma conexão com seu público-alvo, procurando transmitir informações de forma clara e precisa. Nesse sentido, a construção textual não se restringe apenas à transmissão de informações, mas também visa estabelecer uma relação de comunicação entre o escritor e o leitor. Dessa forma, a escrita não se destina, na maioria das vezes, a um diálogo interno, mas sim a uma discussão com um público específico.

De acordo com Koch (2003), os textos frequentemente apresentam mecanismos que funcionam como âncoras, permitindo que o leitor se fixe em uma informação específica e desenvolva sua linha argumentativa, introduzindo novos fatos. Esses mecanismos criam pontos de parada dentro do texto, que possibilitam ao leitor uma melhor compreensão das informações apresentadas. Estamos diante de uma pausa na linha argumentativa, na qual o leitor se adapta a uma nova informação antes de avançar para a próxima etapa.

Alinhada a essa concepção, podemos analisar como as emoções podem influenciar a escrita, conforme o que preconiza Damásio (2011). As emoções são consideradas programas de ações complexos e amplamente automatizados que surgem como resultado da evolução. Além disso, há um componente cognitivo que incorpora certas ideias e modos de cognição, mas é principalmente por meio das ações realizadas em nosso corpo, como expressões faciais, posturas e alterações nas vísceras e meio interno, que o mundo das emoções se manifesta.

Além disso, é de suma importância identificar as estruturações das construções linguísticas temporais funcionais, para isso recorreremos a Vicente



(2014) com o propósito de entender como essas construções se apresentam e como influenciam a produção textual.

Por fim, buscando entender um pouco mais como as construções de tempo são construídas, utilizaremos CUNHA e TAVARES (2016) com a influência do paradigma da gramaticalidade nesse processo de formação e de uso das construções temporais.

### **3. Metodologia**

O corpus da análise é composto por um questionário aplicado em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental II, juntamente com a análise do desenvolvimento de redações da Fuvest (2011), com o objetivo de compreender, a partir das ideias de Koch (2003), Damásio (2011), Cunha e Tavares (2016), Vicente (2014) e autores afins, as diferenças entre a língua oral e a língua escrita, bem como investigar a linguagem como uma atividade social e interativa, na qual os indivíduos construirão sentidos e significados por meio da interação comunicativa.

Buscaremos refletir sobre as diferentes características que essas duas modalidades de linguagem apresentam, além das diferentes habilidades requeridas para sua produção e compreensão. A pesquisa será composta por análises qualitativas e quantitativas, apresentando excertos dos textos coletados, bem como a produção de dados percentuais.

O questionário é composto por quinze questões dissertativas e de marcação múltipla, respondidas por 32 estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental II com as quais pretendemos obter uma base de investigação sobre a linguagem em suas duas modalidades, oral e escrita.

Posteriormente, analisamos o desenvolvimento de 200 textos argumentativo-dissertativos do vestibular da Fuvest (2011), dos quais 100 são categorizados entre os melhores e 100 são categorizados entre os piores.

A análise buscará identificar padrões temporais no início dos parágrafos do desenvolvimento, bem como em que estágios de self, de acordo com Damásio (2011), as construções se enquadram. Além disso, o objetivo será verificar a aproximação da escrita com a produção oral e apurar

similaridades entre a escrita dos estudantes do Ensino Fundamental II e a dos vestibulandos da Fuvest.

#### **4. Discussão dos Resultados**

Ao elaborarmos um texto, é comum apoiarmo-nos em construções linguísticas mais amplas e abrangentes, buscando referências externas ao próprio texto. Essa abordagem está intrinsecamente ligada à percepção que o autor tem de si mesmo, pois constantemente avalia seu valor no contexto social, fundamentando-se em sua identidade dentro da sociedade. Esses elementos não apenas nos moldam como membros da sociedade, mas também influenciam a maneira como interpretamos e criamos.

Não podemos esquecer que a construção textual é uma atividade que envolve a troca de informações entre o autor do texto e seu leitor. Quando escreve um texto, o autor busca estabelecer uma conexão com seu público-alvo, procurando uma forma de transmitir informações mais clara e precisa.

Segundo Koch (2003),

[...] existe, em primeiro lugar, a necessidade social, para cuja realização se elabora um texto, cujo conteúdo se fixa de acordo com a situação comunicativa e a intenção do falante. Passo a passo chega-se ao nível superficial do “texto” em forma de elementos linguísticos sucessivos. Para o estudo de cada aspecto, é preciso ter em conta os anteriores; assim. Por exemplo, uma descrição adequada da gramaticalidade deverá levar em conta a intenção. (Koch, 2003, p. 17)

A partir dessas reflexões, iniciamos as análises de dados da presente pesquisa.

##### **4.1 Construções Temporais**

Começamos as análises pelos textos da Fuvest (2011) que contavam com o tema: “O altruísmo e o pensamento a longo prazo ainda têm lugar no mundo contemporâneo?”. Buscamos na análise inicial verificar a ocorrência das construções temporais, categorizar em presente, passado e futuro, além de compreender qual categoria motiva os vestibulandos a escrever.

Verificamos que os desenvolvimentos dos textos argumentativo-dissertativos contavam com 39% das piores redações utilizando a noção temporal para iniciarem as suas redações, enquanto 19% das melhores redações usavam a ideia de tempo para introduzir seus desenvolvimentos.

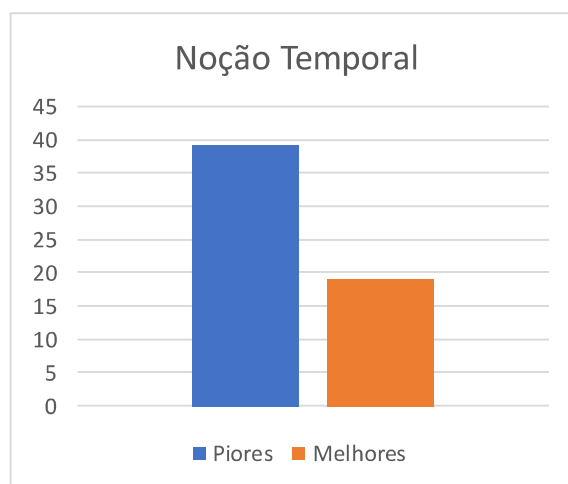


Gráfico 1 Noção temporal no início dos desenvolvimentos

Mas como podemos explicar o que é tempo? De acordo com Vicente (2014):

O tempo, além de estar presente na natureza física e biológica do próprio ser humano, ele apresenta muitas conotações. Tais conotações podem variar de acordo com a ciência, a cultura, a religião e o contexto social. O tempo, apesar de vinculado a eventos externos ao indivíduo, sempre será definido de forma idiossincrática, talvez por isso Einstein o tenha definido de ilusão. Na verdade, trata-se de uma grandeza física presente não apenas no cotidiano como também em todas as áreas e cadeiras científicas. (Vicente, 2014, p. 88-89)

Destrinchando o primeiro gráfico, dividimos em dois outros gráficos nos quais verificamos as categorias de tempo presente, passado e futuro.

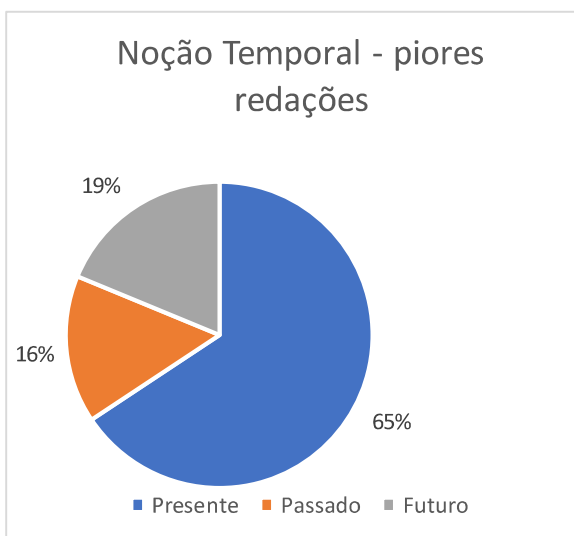


Gráfico 2 Categorização do tempo - piores

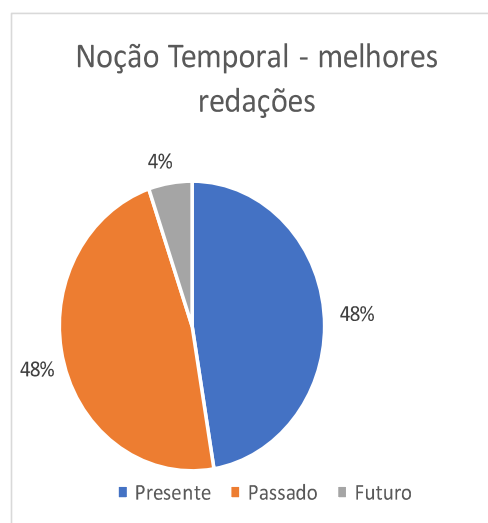


Gráfico 3 Categorização do tempo - melhores

Nas piores redações verificamos que a noção de tempo presente corresponde a 65%, o passado representa 16% das ocorrências e o futuro exprime 19% dos dados coletados. Já nas melhores redações, as noções de passado e presente correspondem a 48%, enquanto futuro representou apenas 4% das ocorrências.

Vejam os quais expressões de tempo são utilizadas nas produções das redações:

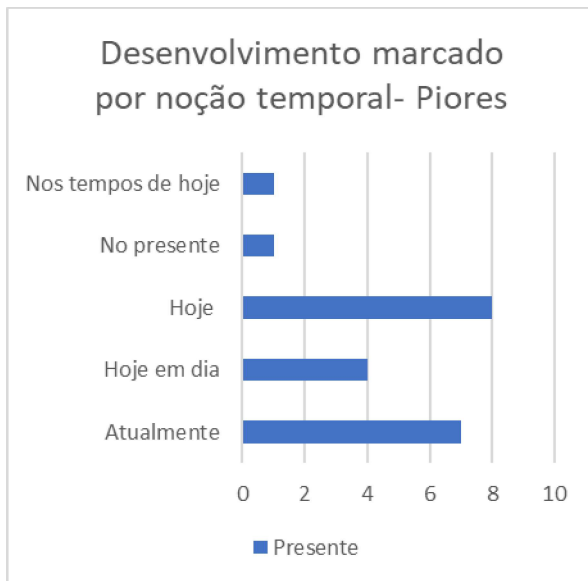


Gráfico 4 Expressões do presente – piores

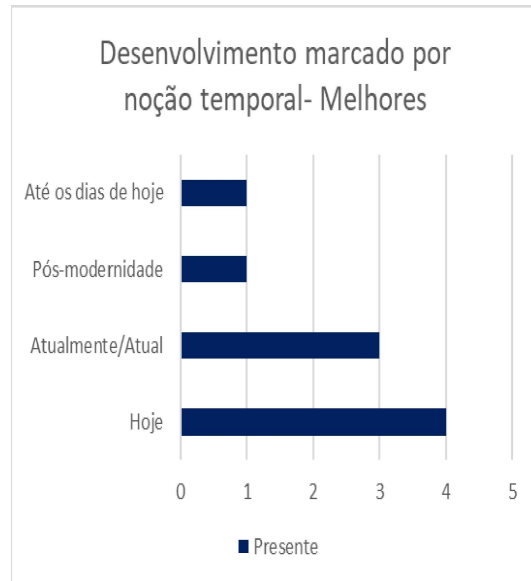


Gráfico 5 Expressões do presente- melhores

As expressões 'hoje' e 'atualmente' são as mais utilizadas para marcar a ideia de tempo presente, tanto nas piores quanto nas melhores redações. Além dessas, termos como 'hoje em dia', 'nos tempos de hoje', 'no presente', 'até os dias de hoje' e 'pós-modernidade'.

07. Hoje há uma série de entidades sem fins lucrativos ou organizações não-  
 08. governamentais que lutam de forma altruísta pelo bem dos brasileiros,  
 09. como a associação dos Médicos sem Fronteiras. Esses agrupamentos  
 10. são formados por cidadãos que estão engajados no bem social e que  
 11. acreditam que a felicidade é um direito global.  
 12. No Brasil, há indivíduos que perseguem um projeto político a longo pra-  
 13. zo, contudo, os não poderosos, com um fim, ainda estão voltados para  
 14. questões imediatistas. O poder executivo, por exemplo, é repleto  
 15. de políticos que só pensam no bem de si próprios ou de sua  
 16. família.  
 17.

Excerto 1 Noção de presente – piores

11. Hoje, com a ruptura da unidade da ideia de história, con-  
 12. reinamos com a falência das metanarrativas e com o discurso mic-  
 13. lista, que atribui ao propósito de vida do ser humano muito mais  
 14. a participação na sociedade enquanto pequena engrenagem na grande  
 15. máquina de auto-manutenção do sistema, do que a ~~liberdade~~ <sup>liberdade</sup> e a ~~segurança~~ <sup>segurança</sup>  
 16. ~~da~~ <sup>da</sup> ~~autonomia~~ <sup>autonomia</sup> que pode conduzir ~~a~~ <sup>para</sup> vida ~~em~~ <sup>em</sup> formas ~~solidárias~~ <sup>solidárias</sup>  
 17. e emancipadas de convivência.  
 18. Neste contexto, é preciso elaborar e aprofundar estratégias que  
 19. levem as pessoas a serem na alteridade a razão e a condição  
 20. de sua existência, enquanto negligenciarmos o outro, o meio-  
 21. lante e as gerações futuras, não será possível estabelecer sentido  
 22. para a vida no planeta, e novas relações continuarão a se diluir  
 23. na superfluidez e na desvalorização dos elementos básicos para a  
 24. vida em comum.

Excerto 2 Noção de presente – melhores.

Entre as expressões que denotam tempo passado encontramos ‘durante esses últimos 8 anos’, ‘desde o momento’, ‘recentemente’, ‘desde os primórdios’, ‘há tempos’, ‘desde a época’, ‘a partir do século XIX’, além de outras expressões. Nessa categoria não houve a recorrência de expressões, conforme os gráficos abaixo:



Gráfico 6 Expressões do passado – piores  
passado - melhores

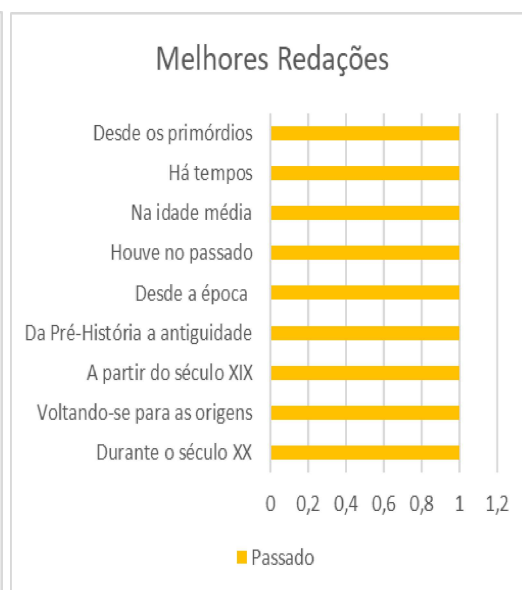


Gráfico 7 Expressões do

A categoria futuro apresentou o menor percentual de utilização contou com expressões como ‘quando’ e ‘enquanto’ representando as maiores recorrências e expressões como ‘mais tarde’, ‘com o passar dos anos’ e ‘o futuro’, o que gerou os seguintes gráficos:

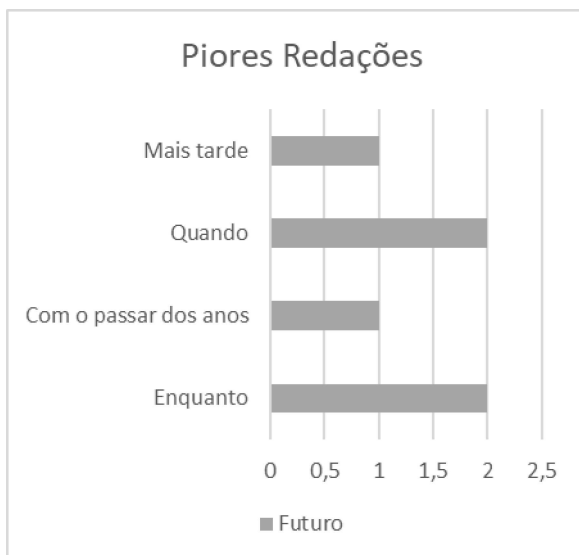


Gráfico 8 Expressões do futuro – piores

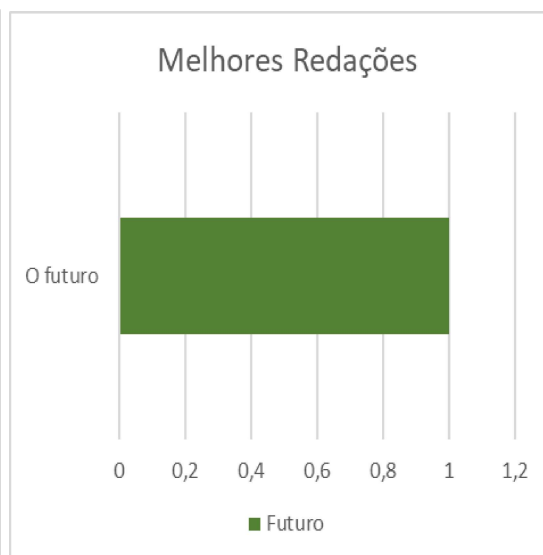


Gráfico 9 Expressões do futuro - melhores

De posse desses dados, percebemos que os vestibulandos da Fuvest de 2011 iniciam os textos, em sua maioria, utilizando expressões que denotam o sentido de tempo presente. Logo, os dados demonstram que esses autores são motivados pela ideia de tempo presente.

## 4.2 Gramaticalização do Verbo Ir

A conotação de tempo pode ser expressa de variadas formas, mas para o momento utilizaremos como enfoque a representação do tempo futuro, o qual pode apresentar a forma sintética e a forma analítica. Segundo Cunha e Tavares (2016),

A forma sintética, eleita como a variedade padrão, é empregada em contextos mais formais da oralidade e ocorre na escrita quando se trata de uma linguagem mais cuidada ou técnica. [...]

A forma concorrente, a analítica, é empregada em maior escala na modalidade oral, independentemente da faixa etária e do grau de escolaridade do falante. (Cunha; Tavares, 2016, p. 60)

A forma sintética é utilizada em casos mais formais e é eleita como a variedade padrão. É constituída por um verbo principal no qual são atrelados morfemas de tempo de modo, de número e de pessoa. Por exemplo, comerei, comerão e comeremos.

Essa forma, encontra representação majoritária nas melhores redações, mas há algumas ocorrências nas piores redações, vejamos os excertos abaixo:

09 O desenvolvimento destrói o ecossistema na área urbana e a  
10 mesma terra destrói a vida animal, para os aumentos de usas  
11 usas e fabricas, sem as matas se perguntar se estará  
12 desmatando, colocando animais em extinção, destruindo  
13 estas de usas e pistamos a qualidade de vida daquela região  
14 que futuramente ~~se~~ chegará na área urbana, com chuvas  
15 ácidas, alagamentos, desmatamentos...  
16 Deixar de pensar no hoje é deixar de pensar no amanhã  
17 e consequentemente ~~e~~ daqui uns anos quando faltar  
18 água potável, a natureza se volta contra nós, não haverá  
19 mais tempo para começar.

Excerto 3 Utilização da forma sintética de futuro – piores

Temos como exemplos de futuro sintético ‘estará’ na linha 11, ‘chegar’ na linha 14 e ‘haverá’ na linha 18.

11 A problemática ambiental recente é um bom exemplo da incapacidade  
12 humana em compatibilizar ganhos individuais e coletivos. A maior dificuldade  
13 das diversas conferências ambientais da ONU não se encontra na busca de solu-  
14 ções a um problema comum e compartilhado, buscam-se <sup>antes</sup> culpados e responsáveis  
15 maiores pelos problemas – consequentemente quem de fato deve arcar com os custos  
16 de prejuízo e mobilizar mudanças. Esse fato <sup>abasta</sup> ~~se~~ a individualização de um prob-  
17 ma global que acarreta na desnecessária e perigosa <sup>solução de</sup> postergação da prob-  
18 mas ambientais <sup>questões</sup> ~~que~~ comprometerão a vida humana de futuras gera-  
19 ções e mesmo da atual.  
20 É exemplar, ainda, a imagem de um mundo sujo e destruído como um lixo, utilizada  
21 em um exame anterior da FUVEST, que tratava a fala de um pai a seu filho: Filho, um dia  
22 tudo isso será seu. As heranças ~~de~~ atuais a gerações futuras atestam a realidade da  
23 sa imagem. Transmitir-se-ão não apenas problemas concretos, mas principalmente,  
24 valores. Entre eles, o altruísmo é cada vez menos provável de ser um dos va-  
25 lores herdados pelas gerações futuras. ~~Formar-se-á~~ um ciclo vicioso em que  
26 os problemas serão constantemente postergados, caso nenhuma atitude seja tomada.

Excerto 4 Utilização da forma sintética de futuro – melhores

Percebemos a ocorrência da forma sintética de futuro na linha 18 ‘comprometerão’, na linha 23 ‘transmitir-se-ão’, na linha 25 com ‘formar-se-á’ e na linha 26 ‘serão’.



A variante analítica ocorre, principalmente, em situações de oralidade é formada pelo uso do verbo ir como verbo auxiliar atrelado a um verbo principal na forma nominal de infinitivo. Conforme explica Cunha e Tavares (2016):

É constituída do verbo ir no presente do indicativo acompanhado de outro verbo na forma nominal do infinitivo, como em vou levar, vão construir e vamos falar, que, em princípio, podem ser substituídas pelas formas sintéticas levarei, construirão e falaremos. (Cunha; Tavares, 2016, p. 60)

A forma analítica de futuro, por ser predominantemente típica da oralidade, não encontra representação entre as melhores redações, mas constitui exemplos entre as piores redações, observemos:

10 Onde será que tudo isso vai parar?  
11 no lixo, e cada vez que passa irão se acumu-  
12 lar mais e mais aparelhos de vários tipos, como  
13 TV, celular, rádio, etc. Muitos não estão se ligando  
14 no que pode trazer a longo prazo. Afinal, é  
15 que importa é o presente.  
16 E a cada dia a situação piora, pois se  
17 acumula muito mais. E não são produzidos para ter  
18 maior durabilidade. Muitas vezes com um 2 anos  
19 de uso, já quebra. E o conserto fica caro, logo  
20 compra-se um novo. É mais fácil.

Excerto 5 Utilização da forma analítica de futuro – piores

Notamos a ocorrência de futuro analítico na linha 10 'vai parar' e nas linhas 11-12 'irão se acumular'.

Esse processo no qual o verbo ir deixa de ser verbo principal na oração e passa a figurar como verbo auxiliar é chamado de paradigma de gramaticalização que é explicado como,

O paradigma de gramaticalização busca, então, descrever e explicar, concomitantemente, um tipo especial de variação e mudança lingüística e a manutenção das formas que estão em processo de mudança. Em outras palavras, em um dado domínio funcional, novos usos estão em constante processo de emergência. Isto não implica, necessariamente, a substituição dos usos mais antigos, os quais podem ainda permanecer na língua e interagir com os mais novos. (Cunha; Tavares, 2016, p.26)

Givón (1990, p. 549 apud Cunha; Tavares, 2016, p. 85) afirma que “quanto mais integrados cognitiva e semanticamente são os eventos, tanto mais nominal será a morfologia do verbo principal”. Givón também afirma que na construção dessas locuções os recursos da sintaxe não são arbitrários.

No caso de ir + verbo no infinitivo, esses recursos se apresentam como:

1. co-lexicalização: quanto mais integrados dois eventos, tanto mais integrados os dois verbos;
2. subordinador: quanto mais integrados dois eventos, tanto menos provável que eles sejam separados por um subordinador ou pausa física;
3. forma verbal: dada uma hierarquia do grau de finitude das formas verbais, quanto mais integrados dois eventos,
  - a. tanto mais nominal é a forma do verbo principal;
  - b. tanto menos morfologia verbal finita, tais como concordância pronominal, tempo/aspecto/modalidade, o verbo principal tende a exibir. (Cunha; Tavares, 2016, p. 85-86)

Diante desses dados e informações formulamos a hipótese de que os autores das piores redações da Fuvest (2011) apresentam a escrita com construções típicas da oralidade. Para corroborar nossa hipótese temos a utilização de gírias como “se ligando”, encontrada na linha 13 do excerto 5 acima.

### **4.3 Estágios de Selves**

Continuando a presente pesquisa, analisaremos a partir de agora em quais estágios de selves, postulados por Damásio (2011), estão os vestibulandos da Fuvest de 2011.

À guisa de Damásio (2011), entendemos que o Self é uma construção mental que representa o indivíduo como uma entidade única, o qual possui uma identidade pessoal, histórias de vida e emoções, ou seja, o Self é quem personaliza o indivíduo. O pesquisador descreve três estágios de desenvolvimento do Self, quais sejam, protosself, self central e autobiográfico.

A seguir temos um quadro com as definições de Damásio (2011) apud Vicente (2014, p. 34):

**Primeiro estágio: protosself**

O protosself é uma descrição neural de aspectos relativamente estáveis do organismo.

O principal produto do protosself são os sentimentos espontâneos do corpo (*sentimentos primordiais*)

**Segundo estágio: self central**

Um pulso de self central é gerado quando o protosself é modificado por uma interação entre o organismo e um objeto e, como resultado, as imagens do objeto também são modificadas. As imagens modificadas do objeto e do organismo ligam-se momentaneamente em um padrão coerente. A relação entre o organismo e o objeto é descrita em uma sequência narrativa de imagens, algumas das quais são sentimentos.

**Terceiro estágio: self autobiográfico**

O self autobiográfico ocorre quando objetos na biografia do indivíduo geram pulsos de self central que são, em seguida, momentaneamente ligados em um padrão coerente amplo.

*Fonte: (Damásio, 2011 apud Vicente, 2014, p. 34)  
Quadro 2: Três estágios do self.*

O protosself é a fase inicial do desenvolvimento do Self, em que as experiências são percebidas de forma sensorial e não há uma distinção clara entre o eu e o ambiente externo. Aqui existe a geração de sentimentos primordiais que surgem espontaneamente.

Por sua vez, o núcleo do Self, ou Self Central, é o estágio em que o indivíduo começa a ter uma noção mais clara de si mesmo, como uma entidade separada do mundo externo, passando a compreender melhor as relações entre organismos e objetos, mas tudo isso ainda ocorre de forma incipiente, isto é, não há uma história pessoal completamente definida.

Por fim, no estágio autobiográfico o indivíduo desenvolve uma narrativa pessoal, relacionando sua percepção ao presente e ao futuro. Os aspectos sociais da pessoa passam a ser delineados nesse momento, constituindo-se um eu social e espiritual com memórias e experiências que moldam sua identidade.

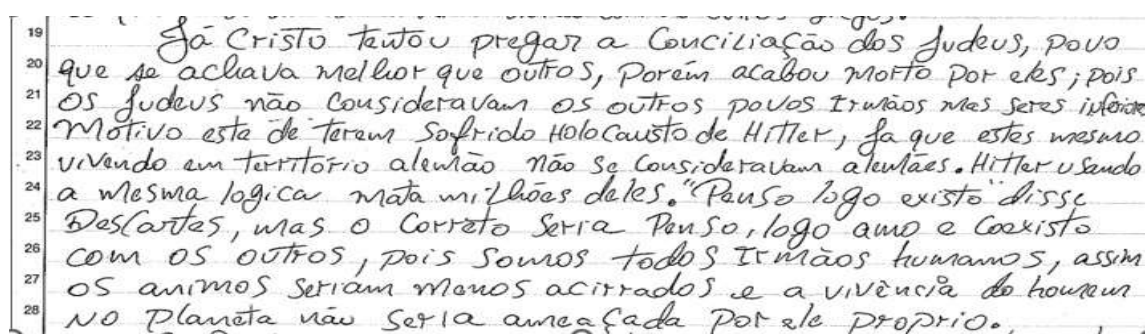
No momento em que traduzimos esses conceitos para a sua utilização na análise de redações, podemos chegar a hipóteses muito elucidativas a respeito do grau de enquadramento dos alunos nos níveis vislumbrados por Damásio (2011). As melhores redações corrigidas, assim consideradas pelos

avaliadores da Fuvest, apresentam padrões ideológicos e de escrita que podem ser claramente associados às ideias desse autor.

As melhores redações apresentavam uma construção mais objetiva, com uma análise da problemática construída de forma crítica, sem a percepção clara de subjetividade no texto. O autor, normalmente, partia de um fato social ou histórico amplamente conhecido e correlacionava-o, construindo analogias, com o seu argumento. Evitando, assim, o senso comum ou generalizações precipitadas.

Já os autores das piores redações não se utilizavam desses recursos. Eles construíam seus textos a partir de ideias subjetivas, ou seja, ideias que não eram de conhecimento social e histórico. Quando tentavam fazê-lo, acabavam reformulando os conceitos, isto é, trazendo perspectivas próprias disfarçadas de formalidade e objetividade.

Podemos dizer, desse modo, que os autores não conseguiam criar uma imagem correta dos fatos que apresentavam nos textos, compartilhando com o mundo exterior, muitas vezes, algo que apenas eles entendiam. Essas construções apresentam os sentimentos mais primários através do texto, frequentemente carregando preconceitos explícitos, argumentação religiosa e uso constante de expressões generalizadoras, conforme o trecho abaixo:



19 Já Cristo tentou pregar a Conciliação dos Judeus, povo  
20 que se achava melhor que outros, porém acabou morto por eles; pois  
21 os judeus não consideravam os outros povos irmãos mas seres inferiores.  
22 Motivo este de terem sofrido Holocausto de Hitler, já que estes mesmo  
23 vivendo em território alemão não se consideravam alemães. Hitler usando  
24 a mesma lógica mata milhões deles. "Pensa logo existe disse  
25 Descartes, mas o correto seria Pensar, logo amo e coexistir  
26 com os outros, pois somos todos irmãos humanos, assim  
27 os animos seriam menos acirrados e a vivência do homem  
28 no planeta não seria ameaçada por ele próprio.

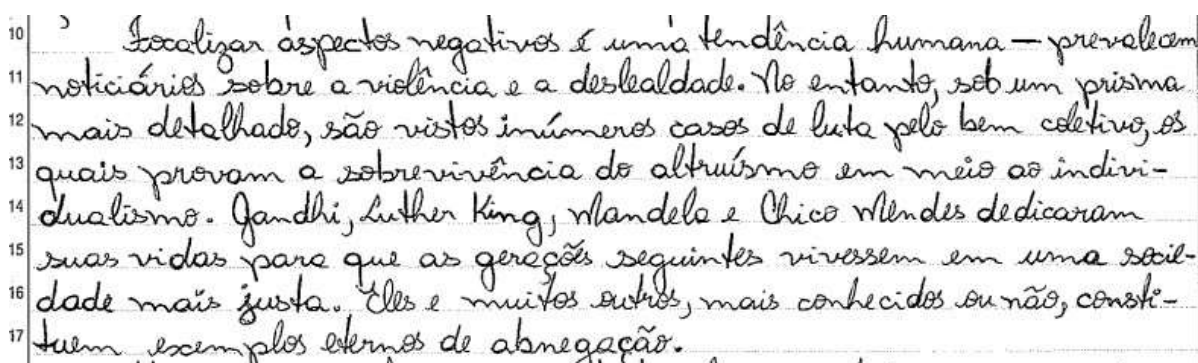
Excerto 6 Apresentação de sentimentos primários e preconceitos – piores

*“Já Cristo tentou pregar a conciliação dos judeus, povo que se achava melhor que outros, porém acabou morto por eles, pois os judeus não consideravam os outros povos irmão mas seres inferiores motivo este de terem sofrido Holocausto de Hitler”<sup>1</sup>*

Esses textos, que concentram experiências sensoriais evidentes e a falta de uma narrativa clara, ao nosso ver, podem indicar que o autor está no

estágio de protossself, pois suas construções não apresentam a maturidade exigida para enquadrarem-se nos outros níveis descritos por Damásio (2011). Já que, seus autores ainda não foram capazes de fugir da plena espontaneidade, não respeitando o enquadramento do texto ao gênero solicitado, uma redação dissertativa e argumentativa.

Por outro turno, as redações que apresentam uma história ou pessoa definida, no qual o seu escritor consegue compreender o que lhe é solicitado, construindo uma argumentação que possa ser compreendida por outras pessoas, demonstrando a capacidade de compreensão do mundo a sua volta, demonstram que esse autor já se encontrou como indivíduo e sabe o que a sociedade no geral espera dele. Dessa forma, podemos considerá-lo integrante do estágio autobiográfico. Segue excerto:



10 Focalizar aspectos negativos é uma tendência humana – prevalecem  
11 noticiários sobre a violência e a deslealdade. No entanto, sob um prisma  
12 mais detalhado, são vistos inúmeros casos de luta pelo bem coletivo, os  
13 quais provam a sobrevivência do altruísmo em meio ao indivi-  
14 dualismo. Gandhi, Luther King, Mandela e Chico Mendes dedicaram  
15 suas vidas para que as gerações seguintes vivessem em uma socie-  
16 dade mais justa. Eles e muitos outros, mais conhecidos ou não, consti-  
17 tuem exemplos eternos de abnegação.

*Excerto 7 Apresentação de capacidade de compreensão do mundo – melhores*

***“Focalizar aspectos negativos é uma tendência humana – prevalecem noticiários sobre a violência e a deslealdade. No entanto sob um prisma mais detalhado, são vistos inúmeros casos de luta pelo bem coletivo, os quais provam a sobrevivência do altruísmo em meio ao individualismo. **Gandhi, Luther King, Mandela e Chico Mendes dedicaram suas vidas para que as gerações seguintes vivessem em uma sociedade mais justa. Eles e muitos outros, mais conhecidos ou não, constituem exemplos eternos de abnegação.**”***

---

<sup>1</sup> os excertos foram transcritos *ipsis litteris*.

É importante salientarmos que a análise das redações não deve ser utilizada isoladamente para determinar em que estágio de desenvolvimento do Self o indivíduo se encontra. Outros aspectos precisam ser levados em consideração exigindo-se, para isso, de fato, uma avaliação mais completa. Apesar disso, compreender como os indivíduos constroem suas narrativas pode ser útil em diversas áreas, desde a educação até a psicologia.

#### 4.4 Alunos do Ensino Fundamental II

Na pesquisa realizada na Escola Municipal Professora Maria Tamar Leite da Fonseca, com 32 estudantes do 8º ano, coletamos a informação de que 97 % desses estudantes possuem o hábito da escrita, entretanto só 62 % do montante original gosta de escrever. É importante destacar que há uma diferença considerável entre se ter o hábito de escrita e gostar de realizá-la, como evidenciam os números que apresentamos:

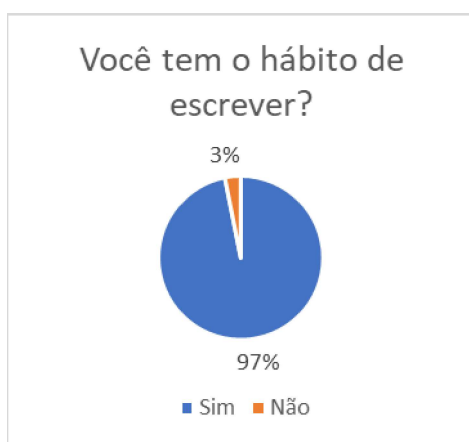


Gráfico 10 Você tem o hábito de escrever?

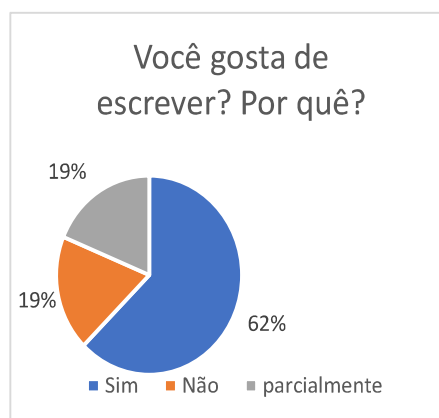


Gráfico 11 Você gosta de escrever? Por quê?

Para compreendermos um ponto importante dentro desse contexto, precisamos verificar as respostas dos discentes quando perguntados sobre quais tecnologias eles utilizam para produzir textos.



Gráfico 12 Quais das tecnologias abaixo você costuma consultar para produzir um texto?

Entre os estudantes entrevistados, 42% afirmaram utilizar o Google como fonte de pesquisa, enquanto 23% costumam usar as redes sociais. Apenas 23% disseram utilizar livros como fonte para a produção de um texto, o que representa um valor significativamente menor em comparação com o uso dessas plataformas eletrônicas. Além disso, 10% dos estudantes buscam consultar dicionários e 2% afirmaram utilizar outras tecnologias.

Acreditamos que, ao responderem as perguntas, os alunos associaram a escrita àquela que faz parte de suas rotinas escolares, o que pode explicar por que muitos têm o hábito de escrever, mas não gostam de exercê-lo.

Quanto às tecnologias utilizadas na escrita, o fato de termos utilizado o termo "tecnologia" pode ter feito com que os alunos pensassem mais amplamente sobre sua atividade de escrita, que é predominantemente realizada em meio eletrônico, como veremos adiante nesta análise.

É importante destacar também que, nos meios eletrônicos, há uma tendência à aproximação da linguagem escrita com a oral, visando uma maior velocidade na troca de informações.

Podemos categorizar as respostas de acordo com a origem da intenção de escrita, dividindo-se em motivos externos e internos. Os estudantes que gostam de escrever e que estabelecem uma conexão mais profunda com a escrita se enquadram naqueles que apresentam motivação interna para realizar as construções textuais. Por outro lado, os que escrevem por se tratar de algo obrigatório ou que respondem com base em ideias

transmitidas a eles na sala de aula ou em casa se enquadram nos que possuem motivação externa para escrever.

Foi interessante observar que os alunos motivados internamente apresentavam respostas mais bem estruturadas e completas durante o questionário, como foi o caso dos seguintes discentes.

2) Você gosta de escrever? Por quê?

Sim, eu gosto de escrever porque ativa minha memória, mas gosto mesmo de fazer reprodução de texto

*Excerto 8 Apresentação de motivação interna 1.*

2) Você gosta de escrever? Por quê?

eu gosto de escrever histórias ou poemas, ou para escrever o que eu estou sentindo.

*Excerto 9 Apresentação de motivação interna 2.*

Já quando partimos para analisar as respostas dos alunos que não gostam de escrever, gostam parcialmente ou apresentam motivações externas, temos respostas mais curtas e menos elaboradas.

2) Você gosta de escrever? Por quê?

Não, cansa as mãos e daí muito

*Excerto 10 Apresentação de motivação externa*

Isso nos mostra como a atividade de escrita se comporta como algo vinculado às emoções e às intenções de um indivíduo dentro de um contexto social. À guisa de Koch (2003),

Textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com condições sob as quais a atividade verbal se realiza. (Koch, 2003, p. 26)



Mas essa coordenação para se alcançar um fim social, ainda de acordo com a autora, segue estruturas, que, quando não dominadas, podem gerar certa frustração e receio em se construir um texto. Já que,

A necessidade de recorrer aos sistemas de conhecimento e às estratégias aqui parcialmente descritas, por ocasião do processamento textual, permite constatar a grande complexidade do processo de construção de um texto e a gama de atividades de ordem sociocognitiva que se realizam com vistas à produção de sentidos. (Koch, 2003, p. 43)

Mas não precisamos adentrar no território da construção desses sentidos para entender algo mais superficial e já comentado no processo de construção do texto, ainda considerando a aproximação da linguagem oral da escrita, muito vinculada aos processos de informatização da comunicação.

Os discentes entrevistados também apresentaram um padrão comum, quando se diz respeito aos seus receios com a escrita. Como podemos notar no gráfico:

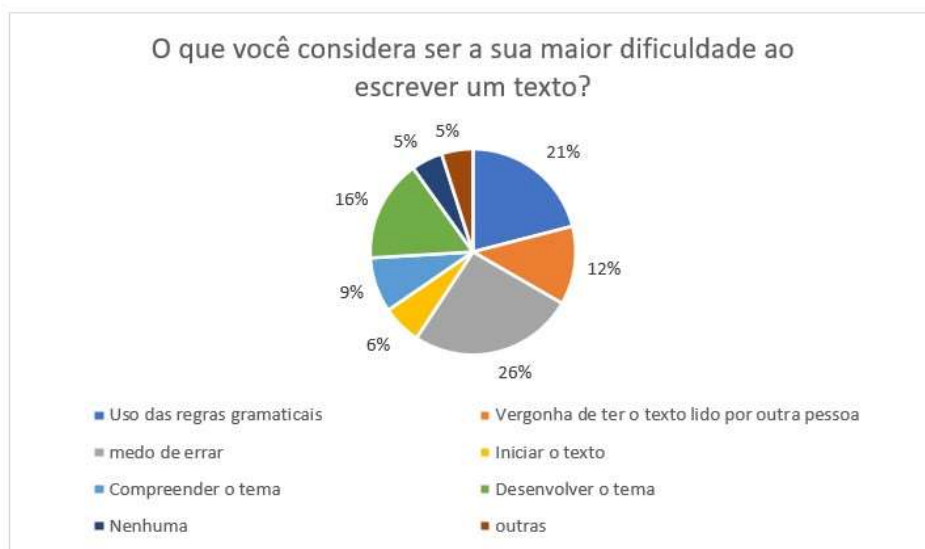


Gráfico 13 O que você considera ser a sua maior dificuldade ao escrever um texto?

Ao analisar os dados, constatamos que o medo de errar é o maior desafio enfrentado pelos alunos ao escreverem dissertações, superando até mesmo a aplicação correta das regras gramaticais. Isso destaca o quanto a escrita é uma atividade interacional e social, visto que a preocupação dos

alunos está ligada, em grande parte, a fatores sociais, uma vez que os erros geram julgamento por parte dos colegas e professores.

Aqui podemos, a partir das ideias de Koch (2003), entender que “[...]o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso da interação.” Ou, seja há uma questão emocional, cultural e social por trás do que foi dito, o que pode afetar o interesse e o seu desenvolvimento da escrita, caso não seja trabalhado tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Um outro gráfico gerado a partir do questionamento sobre quais gêneros textuais os alunos costumavam escrever e nos deparamos com o seguinte resultado: 51% escrevem mensagens de texto, conforme os dados abaixo:

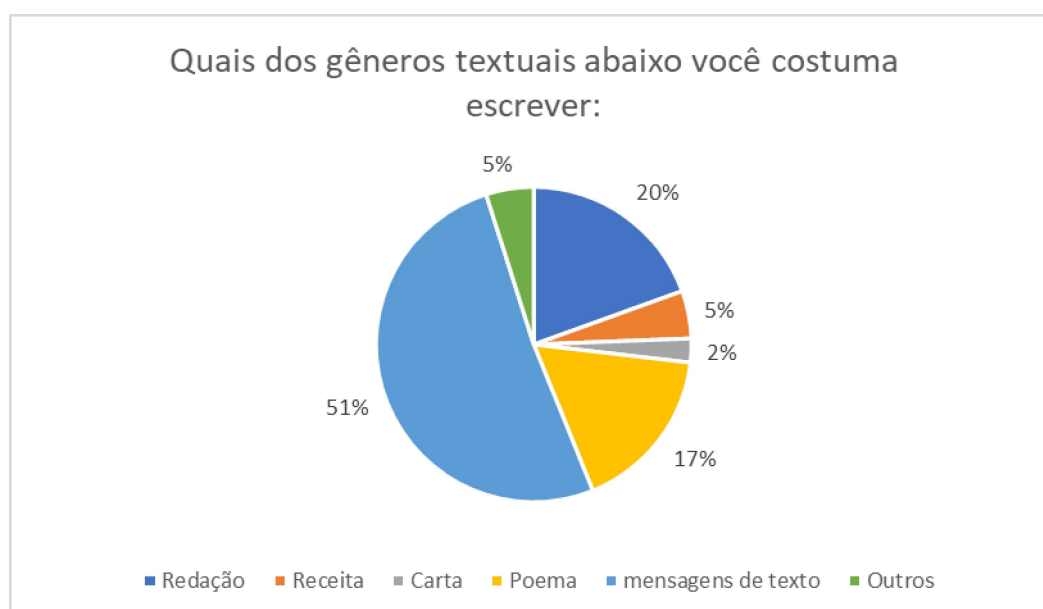


Gráfico 14 Quais dos gêneros textuais abaixo você costuma escrever:

Esses textos costumam ser curtos e normalmente são trocados entre familiares ou pessoas próximas, o que consegue minimizar a principal dificuldade, que é o medo de errar; assim como a segunda maior dificuldade, que é o uso das regras gramaticais. Segue trecho abaixo do questionamento sobre o local onde os discentes costumam escrever, o qual nos ajuda a identificar o fato de a escrita estar ligada ao meio digital:

5) Você tem o hábito de escrever em casa? Ou apenas na escola?

Justifique: Sim, ~~conversando~~ converso bastante com meus amigos e familiares pelas redes sociais.

Excerto 11 Apresenta hábito de escrever nas redes sociais

Logo, fica cada vez mais claro que a escrita para esses alunos está associada ao meio digital, às mensagens de textos e à interação nas redes sociais, e quando voltamos para a escrita em sala de aula percebemos que é uma obrigação e que muitos não gostam ou não o fazem.

Dando continuidade à análise dos dados, descobrimos que, na opinião deles, para escrever um bom texto era preciso ter criatividade ou imaginação, o que corresponde a 27% das respostas, como mostra o gráfico a seguir:

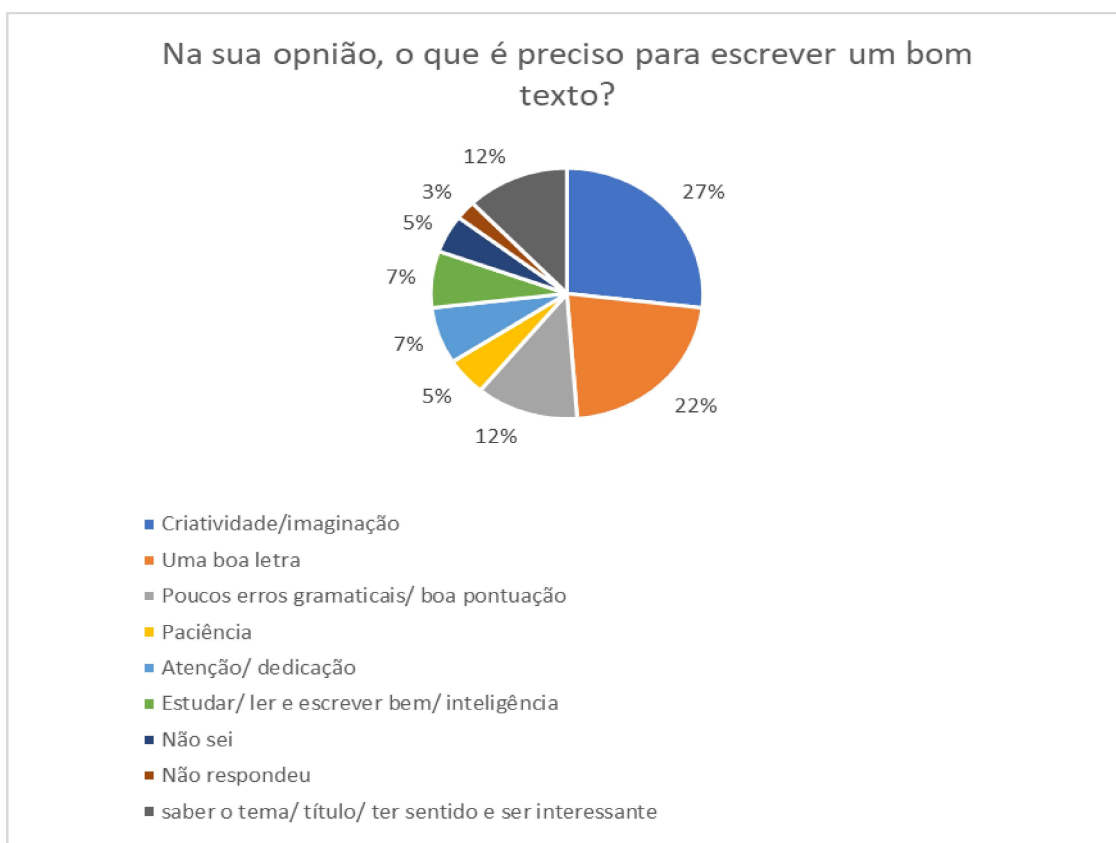


Gráfico 15 Na sua opinião, o que é preciso para escrever um bom texto?

Esse resultado se coaduna com as ideias de Koch (2003) quando diz que o texto:

b. trata-se de uma atividade consciente, criativa que compreende desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal; [...] (Koch, 2003, p. 26)

Porém, chamou nossa atenção o fato de que em segundo lugar encontra-se a habilidade de ter uma boa letra, representando 22% do nosso público. Nesse caso, a percepção dos alunos voltou-se para o texto escrito manualmente, associando um bom texto a uma caligrafia esteticamente bonita.

Para finalizar o questionário foi perguntado aos estudantes o porquê de incentivarem a escrita na escola e as respostas foram variadas, 29% do nosso público-alvo acreditam que seja para aprender e 20% observam o incentivo como uma forma de obrigação ou necessidade.

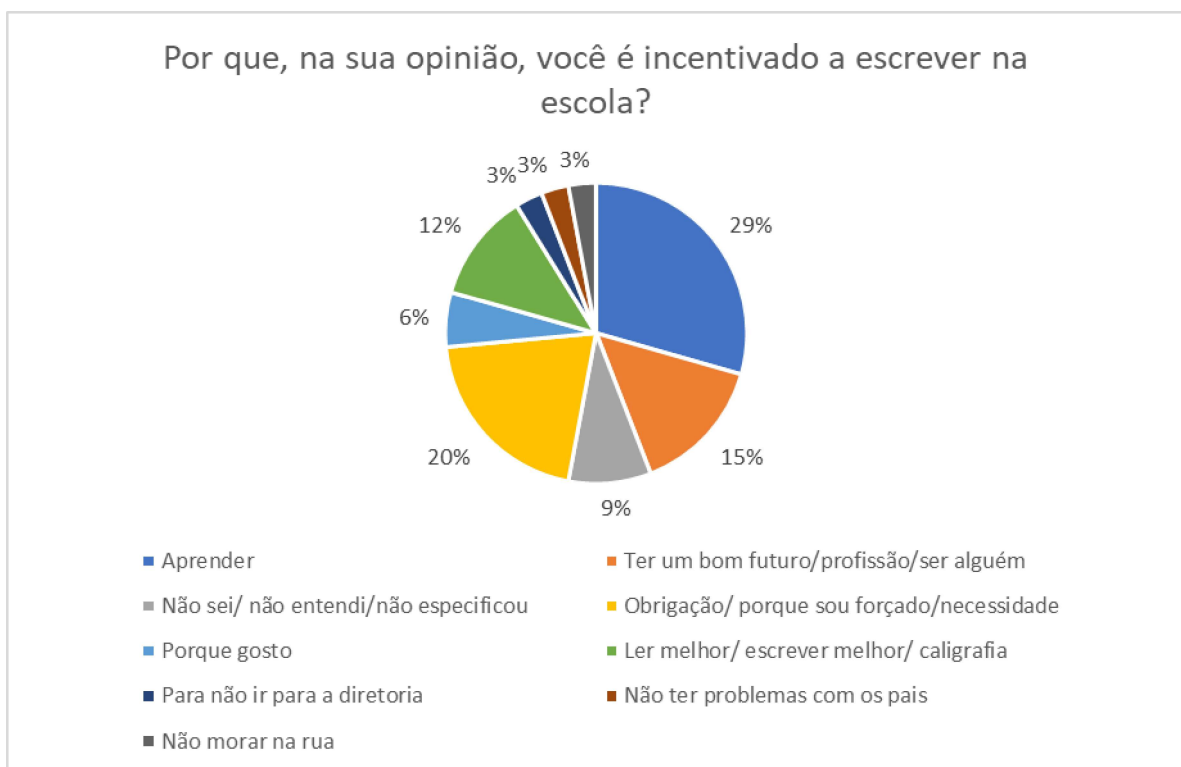


Gráfico 16 Por que, na sua opinião, você é incentivado a escrever na escola?

Todavia, algumas repostas remetem a um lado mais íntimo e emocional dos estudantes atrelando o incentivo da escrita à resolução de

problemas pessoais tais como evitar problemas com os pais ou a expectativa de conseguir um bom futuro e não morar na rua.

Essas respostas trazem à tona um pensamento mais emotivo do que racional por parte dos estudantes. Isso nos leva a pensar sobre o caráter das emoções quando vinculadas ao comportamento e aos processos cognitivos humanos. Damásio (2011), ao falar sobre esse assunto nos diz que as emoções são fundamentais na tomada de decisão e na adaptação às situações impostas pelo ambiente.

Para o autor:

Emoções são programas de ações complexos e em grande medida automatizados, engendrados pela evolução. As ações são complementadas por um programa cognitivo que inclui certas ideias e modos de cognição, mas o mundo das emoções é sobretudo feito de ações executadas no nosso corpo, desde expressões faciais e posturas até mudanças nas vísceras e meio interno. (Damásio, 2011, P. 139-140)

Essas mudanças proporcionadas pelos processos emotivos podem também se apresentar nos textos, não só nas ideias contidas neles, mas na sua construção, indicando que a linguagem escrita pode demonstrar mais do que aquilo que o seu autor pretende. Além disso, percebemos nas respostas dos alunos um tipo de emoção primária, como demonstrado pelo próprio Damásio (2011), pois estamos, muitas vezes, diante do medo ou da raiva.

Portando, de posse dessas informações, podemos vislumbrar o quanto a análise das redações da Fuvest (2011) e do questionário dos estudantes do Ensino Fundamental II pode ser uma ferramenta valiosa para entender como os indivíduos constroem suas narrativas e expressam suas ideias por meio da linguagem escrita.

### **Considerações Finais**

Ao analisar as respostas dos discentes sobre as tecnologias utilizadas na produção de textos, é possível perceber que a maioria utiliza ferramentas eletrônicas, o que apresenta um desafio para os profissionais da educação, já

que há uma tendência à aproximação da linguagem escrita com a oral em meios eletrônicos.

Com base na análise dos questionários e do desenvolvimento das redações dos participantes do vestibular da Fuvest, chegamos à conclusão preliminar de que os alunos do 8º ano, bem como aqueles que produziram as redações com menor pontuação, encontram-se nos estágios de protossself e self central de acordo com a teoria proposta por Damásio. Esses escritores parecem ser capazes de alcançar apenas uma representação inicial de si mesmos, o que influencia na produção de textos mais simples e menos elaborados.

Ademais, é perceptível que tanto os autores das piores redações quanto os alunos do 8º ano apresentam características semelhantes, como a falta de domínio da gramática e a escrita que se assemelha à fala, utilizando expressões típicas da oralidade, como gírias. Por exemplo, é comum que esses escritores utilizem frases como "Muitos não estão se ligando no que pode trazer a longo prazo", que evidenciam o uso de uma linguagem mais coloquial e menos formal.

Já os autores das melhores redações produzem textos que consideramos estar no estágio de self autobiográfico o que constituem o "eu social", dessa forma esses estudantes apresentam um maior domínio da linguagem e do conteúdo que tentam transmitir, já que possuem a capacidade de expressar ideias de forma mais clara e elaborada. As informações, nesse caso, são conectadas com a realidade de forma mais verossímil, considerando que as vivências e emoções são transmitidas ao texto de forma impessoal, possuindo um caráter mais formal e crítico.

Por fim, ao analisarmos os padrões da estrutura linguística temporal mais recorrentes nos parágrafos do desenvolvimento das redações da Fuvest (2011) verificamos que tanto as piores redações (39%) quanto as melhores (19%) apresentam a noção de tempo no início de seus desenvolvimentos.

Categorizando o tempo em passado presente e futuro, descobrimos os autores das redações são motivados a escrever, principalmente, utilizando a ideia de tempo presente e que as expressões mais recorrentes para marcar a noção de presente são 'hoje' e 'atualmente'.

E apesar de o tema da redação da Fuvest (2011) questionar sobre “o pensamento a longo prazo” a categoria futuro apresentou o menor percentual de ocorrência 19% nas piores e 4% nas melhores.

## Referências

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; TAVARES, Maria Alice. **Funcionalismo e ensino de gramática** /Maria Angélica Furtado da Cunha, Maria Alice Tavares. – 1. ed. – Natal: EDUFRN, 2016.

DAMÁSIO, António R. **E o cérebro criou o Homem**/António R. Damásio; tradução- Laura Teixeira Motta - São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

FUVEST, Fundação Universitária para o Vestibular. Fuvest 2010, redações. **Algumas das 100 piores e 100 melhores notas**. São Paulo, 2011.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**/Ingedore Koch 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2003.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. **O princípio da iconicidade e sua atuação no português do Brasil**. Filologia e Linguística Portuguesa, [S.L.], n. 8, p. 83, 2 ago. 2006. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA).

TOMASELLO, M. (2003<sup>a</sup>). **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. (C. Berliner, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1999).

VICENTE, Renata Barbosa. **Iniciar é abstrato? É o lugar, é o tempo, é o espaço do caos cognitivo**. 2014. 245 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.